



Resenha da obra “*The epistemology of language use: Wittgenstein and a Philosophical Pragmatics*” de Arley Ramos Moreno. Editado por Cristiane Gottschalk, Paulo Oliveira e Rafael Azize. London: Bloomsbury Academic, 2025.

Review of the book “The epistemology of language use: Wittgenstein and a Philosophical Pragmatics” by Arley Ramos Moreno. Edited by Cristiane Gottschalk, Paulo Oliveira and Rafael Azize. London: Bloomsbury Academic, 2025.

Mirian Donat ^[a] 

Londrina, PR, Brasil

^[a] Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Como citar: DONAT, Mirian. Resenha da obra “The epistemology of language use: Wittgenstein and a Philosophical Pragmatics” de Arley Ramos Moreno. Editado por Cristiane Gottschalk, Paulo Oliveira e Rafael Azize. London: Bloomsbury Academic, 2025. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 37, e202532689, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/2965-1557.037.e202532689>

[a] Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e-mail: donat@uel.com

Em publicação póstuma, a Bloomsbury Academic lançou o livro *The epistemology of language use: Wittgenstein and a Philosophical Pragmatics* de Arley Moreno, editado por Cristiane Gottschalk, Paulo Oliveira e Rafael Azize. De acordo com os editores, o livro apresenta o resultado de um paciente e cuidadoso trabalho de leitura de uma tradição com a qual Moreno constrói uma possível convergência na direção do que ele chamou de uma “pragmática filosófica”. Essa tradição engloba a linguística, a semiótica, a fenomenologia e principalmente a obra de Ludwig Wittgenstein, e, a partir dela, Moreno tem como objetivo desenvolver uma “epistemologia do uso” que “investiga os aspectos pragmáticos do significado linguístico e seu papel normativo, isto é, a construção do significado a partir das circunstâncias de aplicação das palavras” (p. viii). Nesse sentido, é importante destacar que o livro não é mais uma obra de introdução ao pensamento de Wittgenstein, nem, por outro lado, uma obra em que o autor se posicione diante das muitas e divergentes interpretações da obra desse filósofo, tanto em âmbito nacional quanto internacional. Longe de isso significar o desconhecimento desse debate, que Moreno seguia detida e atentamente, o livro apresenta uma filosofia original, elaborada ao longo dos anos de sua atividade como professor e pesquisador, em especial junto ao grupo de pesquisa ‘Filosofia da Linguagem e do Conhecimento’ (FILICON), ligado ao Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Ainda de acordo com os editores, o livro ocupa um lugar único na obra de Arley Moreno e foi concebido como uma síntese de livros e ensaios previamente publicados. Por outro lado, para além de uma síntese de escritos prévios, o livro é tributário de um outro escrito, este em um estilo ensaístico, no qual o autor trabalhou por décadas, em silêncio e em paralelo ao que publicou durante esse período. Este outro livro, referido pelo autor como “o livro do baú”, está sendo também preparado pelos editores para publicação póstuma. Além disso, os editores trabalham na publicação póstuma de um terceiro livro, um *Comentário* detalhado da ‘Parte I’ das *Investigações filosóficas*, fruto de um projeto de pesquisa desenvolvido com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) ao longo de vinte anos, e finalizado em 2018.

O projeto de desenvolvimento de uma ‘epistemologia do uso’, é sintetizado por Moreno nesta obra recém publicada, *The epistemology of language use*, assim intitulada por seus editores, a qual, por sua vez, baseia-se numa série de escritos de Moreno anteriormente publicados, como *Introdução a uma pragmática filosófica* (2005), *Introdução a uma epistemologia do uso* (2012), *Wittgenstein e a epistemologia* (2013), *Wittgenstein: apontamentos sobre uma epistemologia do uso* (2013) e *Por uma epistemologia do uso* (2015). A escolha da expressão ‘epistemologia do uso’ para seu projeto, em lugar de ‘pragmática filosófica’, como anteriormente referido, pretende marcar a diferença de sua abordagem daquelas com origem no pragmatismo norte americano, por um lado, como o pragmatismo de Peirce, James, Dewey, Quine e Rorty, como também, por outro lado, nos seus representantes europeus, tal como em Apel e Habermas (2012, p. 77).

Uma epistemologia do uso é, para Moreno, uma reflexão filosófica acerca dos processos de constituição da significação, acentuando a função epistêmica desses processos, indo além da função terapêutica e introduzindo uma ideia de conhecimento que ele assume não ser defendida por Wittgenstein. Essa ideia de conhecimento é concebida por Moreno como “o conjunto das *atividades correlativas* de construção de relações internas de sentido e de sua aplicação, sob a forma de regras” (Moreno, 2012, p. 75). Moreno defende essa ideia de atividade epistêmica como uma tese, o que não seria feito por Wittgenstein, para quem assumir teses poderia implicar em dogmatismo. Nesse sentido, num movimento em que aproxima a terapia de Wittgenstein com a epistemologia de Granger, Moreno enfrenta o desafio de colocar

teses que não sejam usadas dogmaticamente, pois teriam a descrição terapêutica como inspiração; seriam, portanto, teses filosóficas preventivas e não dogmáticas, com função epistemológica e crítica.

Esse é o núcleo de *The epistemology of language use*, o que significa que Moreno não se limita a uma interpretação de Wittgenstein, como já dissemos, mas desenvolve suas próprias ideias na forma de uma tese epistêmica sobre a pragmática do uso e da significação dos conceitos, tendo a concepção terapêutica da filosofia de Wittgenstein como pano de fundo. Segundo os editores, essa forma de desenvolver sua própria filosofia situa Moreno na tradição wittgensteiniana ao lado de outros autores que não se limitam a um mero comentário ou interpretação da obra de Wittgenstein, tais como Oskari Kuusela e Avner Baz.

Os conceitos fundamentais que orientam o projeto filosófico de Arley Moreno são a pragmática e a epistemologia, que são apresentados por ele na Introdução do livro. Com o primeiro, pretende evidenciar os aspectos pragmáticos do significado linguístico, os modos de produção do significado que envolvem as circunstâncias de enunciação e aplicação das palavras; e por epistemologia, enfatiza a interpretação filosófica das condições gerais dos mecanismos linguísticos para a construção de conceitos, ou seja, sua investigação não considera a linguagem enquanto fenômeno empírico, numa tentativa de explicar seus processos, mas sim como o estudo das condições simbólicas, estritamente linguísticas, que são assumidas na linguagem e determinam a organização do conhecimento (Moreno, 2025, p. 1). Nessa formulação, percebe-se uma mudança significativa na ideia de epistemologia, tradicionalmente pensada como uma reflexão sobre a verdade, para pensá-la como uma reflexão acerca do sentido e de suas condições de possibilidade, ligando tais condições à dimensão pragmática, na qual se incluem atividades e técnicas simbólicas tanto para a aplicação quanto para a construção do sentido das palavras. Uma epistemologia, portanto, baseada na ideia de uso do simbolismo e que tem a práxis como seu ponto de partida.

Para Moreno, uma pragmática filosófica não se conecta com a análise de quaisquer processos empíricos, de natureza extra simbólica ou extralinguística, tais como seriam investigações de tipo sociológico, psicológico ou mesmo fenomenológico. Seu projeto é de inserir a dimensão pragmática no âmbito da função transcendental, função esta que tem uma inspiração claramente kantiana, mas, baseado também na filosofia de Granger, promove uma expansão que amplia a função transcendental da lógica para os enunciados gramaticais da linguagem ordinária. Assim, não pensa mais a função transcendental como condição *a priori* para a representação do objeto, mas considera a importância do simbolismo linguístico na elaboração do conhecimento conceitual e por isso propõe a ideia de que a lógica regula a organização da experiência, na medida em que defende que a experiência é expressa linguisticamente (Moreno, 2025, p. 2). Com essa expansão da função transcendental, Moreno propõe um deslocamento das formas puras da intuição para as formas lógicas da organização linguística da experiência, trazendo para o universo da significação os elementos do empírico que serão organizados pela atividade simbólica, na forma de normas e regras para seu uso.

Esse projeto é organizado por meio de um desenvolvimento da concepção de epistemologia que se encontra presente no *Tractatus logico-philosophicus*. Segundo Moreno, em sua primeira obra Wittgenstein teria pensado a lógica transcendental como uma epistemologia, pois é a ela que cabe estabelecer as condições de possibilidade de compreensão e representação do mundo. A lógica estabelece as condições formais da relação entre o mundo e o pensamento, por meio de relações internas de sentido, que definem também os limites do que pode ser dito, portanto, os limites do que pode ser pensado. Nesse sentido, ocorre um afastamento da concepção tradicional da epistemologia, em sua origem moderna e que tem no sujeito e na

subjetividade seu fundamento. No *Tractatus*, as relações entre mundo e pensamento estão fundadas na lógica, relações estas que podem ser descritas pela linguagem, na medida em que mundo, pensamento e linguagem compartilham a mesma forma lógica. O papel da filosofia é, portanto, o de revelar as condições formais das relações internas de sentido que permitem que as proposições possam representar o mundo.

O desafio enfrentado por Moreno é pensar uma epistemologia a partir das *Investigações Filosóficas*, em que as condições de verdade não dependem mais das relações entre mundo e linguagem, mas no próprio uso que é feito das palavras, em jogos de linguagem em que as palavras recebem sua significação. Por isso, uma epistemologia do uso precisa considerar a dimensão pragmática como o contexto linguístico em que as relações de sentido se constituem e instituem o sentido. A atividade epistêmica torna-se fundamental para a significação em geral, na medida em que estabelece as condições gerais da organização dos conteúdos da experiência na forma de conceitos, bem como na aplicação dos conceitos à experiência. É por meio dessa atividade epistêmica que os conteúdos da experiência são organizados em conceitos e tornam-se objetos para o pensamento, ou seja, é nesse processo que algo se torna efetivamente objeto e pode ser pensado. E isso significa que, na ausência desse processo, os elementos do universo extralinguístico são inacessíveis para o pensamento objetivo, ou seja, simplesmente algo sobre o que nada pode ser dito (Moreno, 2025, p. 16).

Sendo assim, uma pragmática filosófica, compreendida enquanto epistemologia do uso, deverá se estabelecer enquanto uma teoria da representação e do conceito, e assim elaborar os conceitos com os quais será possível interpretar a diversidade dos elementos pré-lógicos em sua função reguladora e constitutiva da significação (Moreno, 2025, p. 21). Em outras palavras, deverá esclarecer e interpretar as ligações simbólicas em meio às condições circunstanciais em que se constitui e assim revelar os processos em que o empírico é incorporado pela atividade simbólica constituindo objetos para o pensamento.

No contexto pragmático revelam-se, a partir do uso das palavras, elementos que permitem esclarecer a atividade epistêmica da constituição da significação, que envolvem, por outro lado, todo o campo de aplicação das palavras em jogos de linguagem em que se entrecruzam a linguagem e elementos do mundo extralinguístico. Com essa reformulação da função transcendental, Moreno traz para o domínio formal elementos do empírico, tais como amostras, gestos ostensivos, sons combinados com gestos, por exemplo, que passam a desempenhar um papel formal enquanto norma reguladora e transcendental para a organização gramatical da experiência. Tais elementos, assim pensados, funcionam como regras linguísticas para o emprego das palavras, daí sua função normativa, reguladora, ou seja, puramente formal. Por exemplo, um fragmento de cor passa a determinar o uso e aplicação da palavra 'vermelho', não como fragmento empírico de cor, mas enquanto regra que é estabelecida pela atividade simbólica, pois "não se trata de integrar a gênese empírica na análise do significado, mas sim de indicar os processos de integração do empírico pela atividade simbólica que leva à organização formal da experiência e à constituição de objetos para o pensamento" (Moreno, 2025, p. 21).

Nessa investigação da dimensão pragmática revelam-se as técnicas para a representação e o conhecimento, técnicas que atribuem sentido à experiência, organizando-a na forma de regras linguísticas. Nesse processo, elementos exteriores à linguagem são incorporados a ela e se tornam os paradigmas que tem a função de normas ou regras para a aplicação das palavras. Esses elementos extralinguísticos podem ser amostras que servem como norma para a aplicação de palavras para cores, tabelas que associam palavras e objetos, gestos ostensivos ligados a palavras e assim por diante. Esses elementos não são mais considerados enquanto objetos empíricos, mas sim enquanto instrumentos linguísticos, que fazem parte do *meio de*

representação e assim pertencem à própria linguagem. É nesse sentido que as condições e o fundamento da significação não são mais exteriores à linguagem, uma vez que a atividade simbólica incorpora na linguagem os elementos do mundo empírico e os tornam instrumentos linguísticos.

O processo de nomeação, por exemplo, não se dá mais na relação da palavra com um objeto exterior, tal como no *Tractatus*, mas é algo que pertence à própria linguagem, na medida em que o objeto nomeado passa a fazer parte da linguagem como norma para a aplicação da palavra, como no caso de uma amostra de cor para a aplicação da palavra vermelho. A nomeação, dessa forma, é apenas uma preparação para uso das palavras, pois com ela apenas temos indicado o lugar que a palavra ocupa no jogo de linguagem, mas ainda não temos incorporadas no jogo de linguagem todas as funções que a palavra pode ocupar, ou seja, tudo o que podemos fazer com ela nos processos efetivos de uso da palavra.

Ao voltar a atenção para a dimensão pragmática, a terapia filosófica dissolve a ilusão essencialista sobre a necessidade, revelando que as conexões simbólicas variam em relação ao contexto em que estão inseridas e mostram que as proposições ocupam funções muito distintas nos jogos de linguagem. Tendo como fundamento a concepção referencialista de significação, o pensamento essencialista impõe dogmaticamente um único critério de significação, considerando o objeto fora da linguagem como o seu fundamento. Essa visão acaba por afirmar o fundamento da linguagem e da significação como algo fora da própria linguagem e das práticas linguísticas, formuladas em variadas formas, tais como realista, idealista, formalista, mentalista, behaviorista e outras.

Contra esse dogmatismo Moreno volta-se, com Wittgenstein, para as práticas linguísticas nos contextos pragmáticos e com isso substitui a concepção essencialista de um fundamento absoluto pela ideia de condições de possibilidade, estas tidas como relativas e internas às práticas linguísticas. Com isso a função gramatical das proposições mostra-se fundamental, mas a necessidade desse tipo de proposição não é reconhecida por um suposto caráter absoluto de sua verdade, mas sim como o resultado dos processos de constituição do sentido que acontece ao longo das próprias práticas linguísticas, ou seja, a necessidade se estabelece ao mesmo tempo em que os jogos de linguagem vão se desenvolvendo e sedimentando.

As proposições gramaticais exercem a função de normas ou critérios com as quais proposições significativas e proposições descritivas são construídas. Sua necessidade resulta de convenções estabelecidas a partir das práticas linguísticas, inseridas na linguagem e conectadas com as formas de vida. Estas proposições não são, portanto, proposições que descrevam fatos do mundo, mas proposições que carregam em si as normas para a organização da experiência e que permitem estabelecer os limites sobre o que pode ser dito e pensado com sentido.

As proposições gramaticais expressam normas convencionais do significado e enquanto tais têm o caráter da necessidade. Entretanto, se essa necessidade tem o caráter *a priori* das proposições que estabelecem as condições de sentido, por outro lado Moreno o considera um *a priori a parte post*, no sentido buscado de Granger, para mostrar que a origem das proposições gramaticais é o campo pragmático das práticas linguísticas. Com isso, pode-se revelar as diferentes e diversas técnicas linguísticas que estão envolvidas na sua produção, tais como provas matemáticas, demonstrações lógicas, padrões de medida, de temperatura, pesos e outros. Sendo assim, as proposições gramaticais têm uma origem empírica, mas quando expressas linguisticamente adquirem o estatuto de necessidades e passam a estabelecer o que conta ou não como significativo, determinando o modo em que devem ser usadas as palavras e proposições, o que

faz ou não faz sentido dizer, enfim, estabelecendo os limites do sentido enquanto suas condições de possibilidade.

The epistemology of language use apresenta o projeto filosófico de Arley Moreno com a costumeira clareza sem perda do rigor de seu texto. Ao longo dos três capítulos, intitulados *The idea of a Philosophical pragmatic*, *Therapy and epistemology* e *For an epistemology of language use* encontramos os temas e conceitos que orientam sua “epistemologia do uso”, além de um “balanço provisório” como capítulo final em que considera os resultados de suas reflexões. Além disso, o livro conta com um Prefácio redigido pelos editores em que apresentam os esforços de Moreno no desenvolvimento de sua pragmática filosófica, bem como um Posfácio, também redigido pelos editores, que situa a obra de Moreno no contexto filosófico atual. No fim do livro, encontramos um precioso Glossário que apresenta os sentidos precisos dos principais conceitos elaborados por Moreno ao longo do desenvolvimento de seu projeto. Aliás, ressalte-se o primoroso trabalho de edição do livro, realizado por Cristiane Gottschalk, Paulo Oliveira e Rafael Azize, também eles membros do Grupo de pesquisa FILICON, em que acompanharam por muitos anos o desenvolvimento da reflexão filosófica de Arley Moreno junto ao CLE na Unicamp. Conhecedores em profundidade da obra de Moreno, tem eles próprios sua obra influenciada pela leitura do autor, em suas aplicações na filosofia da educação, educação matemática, tradução e estética, dentre tantos outros pesquisadores, alunos, ex-alunos que de alguma forma foram impactados pela filosofia de Moreno.

O livro é uma contribuição importante para os estudos sobre a filosofia de Wittgenstein no Brasil, mas para além disso é um registro fundamental de uma filosofia original elaborada em nosso país. Sua publicação será a oportunidade para que a obra de Moreno seja conhecida e reconhecida pela comunidade filosófica internacional como a grande contribuição que é para os estudos sobre a significação, a representação, o conhecimento e suas relações com a atividade simbólica.

Declaração de disponibilidade de dados

O presente artigo tem como foco principal contribuições de natureza teórica ou metodológica, sem a utilização de conjuntos de dados empíricos. Dessa forma, conforme as diretrizes editoriais da revista, o artigo está isento de depósito no SciELO Data.

Referências

MORENO, Arley Ramos. *Introdução a uma pragmática filosófica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

MORENO, Arley Ramos. Introdução a uma epistemologia do uso. *Cadernos CRH*, Salvador, v. 25, n. spe02, 2012.

MORENO, Arley Ramos. Por uma epistemologia do uso. In: MORENO, Arley Ramos (Org.) *Wittgenstein e seus aspectos*. Campinas: Unicamp (Coleção CLE), 2015.

MORENO, Arley Ramos. *The epistemology of language use: Wittgenstein and a Philosophical Pragmatics*. London: Bloomsbury Academic, 2025.

MORENO, Arley Ramos. *Wittgenstein: apontamentos sobre uma epistemologia do uso*. Salvador: Quarteto Editora, 2013.

MORENO, Arley Ramos. Wittgenstein e a epistemologia. In: MORENO, Arley Ramos (org.) *Wittgenstein e a epistemologia*. Campinas: Unicamp (Coleção CLE), 2013.

Editores responsáveis: Léo Peruzzo Júnior e Jelson Oliveira.

RECEBIDO: 08/03/2025

APROVADO: 08/03/2025

PUBLICADO: 09/06/2025

RECEIVED: 03/08/2025

APPROVED: 03/08/2025

PUBLISHED: 06/09/2025